

A invenção da infância nas narrativas autobiográficas de Lya Luft

Sébastien Joachim, UEPB-MLI

RESUMO

A despeito da nova filosofia da infância que preconizam os filósofos J-F. Lyotard, Gilles Deleuze e Giorgio Agamben (KOWAN 2003), as crianças com quais deparamos no cotidiano continuam ser uma incógnita na segunda Modernidade, no segundo pós-guerra. O filósofo Alain Renaut (2002, 2004) aponta este fato sem imputá-lo totalmente, como Hannah Arendt (*La crise de la culture*) à extensão à Infância da Declaração dos Direitos Humanos. Este projeto parte de uma aposta: uma vez admitido o postulado de uma função cognitiva da Literatura e das Artes, haverá possibilidade de investigar no plano da literatura comparada certas narrativas autobiográficas suficientemente ricas em sua forma-conteúdo para sugerir mediante modelos de infância imaginária hipóteses fecundas para a compreensão da infância em construção em nossos tempos. Temos escolhido para cumprir essa tarefa, ao lado da Brasileira Lya Luft, a escritora francesa Nathalie Sarraute e o ficcionista canadense Jacques Ferron. Fomos estimulado a testar aquele postulado pela idéia de Literatura Aplicada defendida desde 1990 pelo professor Pierre Bayard. Para além do citado Alain Renaut, temos como apoio teórico cientistas sociais como Jean-Pierre Kaufmann (2005, 2008), François de Singly (2006), Claude Dubar (2005) para interrogar a identidade infante e adolescente assim como o processo de socialização e principalmente dois filósofos: Paul Ricoeur, sua narratologia e sua Hermenêutica fenomenológica; Jean-Jacques Wunenburger e sua Mitodologia. Está prevista um efeito multiplicador dos resultados através de colóquios e publicações anuais. Em escala nacional ou internacional, na UEPB.

Palavras chaves: Identidade, Infâncias imaginadas, Narrativas autobiográficas. Mitopoética comparada.

APRESENTAÇÃO GERAL

Eric Deschavanne et Pierre-Henri Tavoillot (2007:255-416), dois professores de Filosofia da Sorbonne, depois de invalidar certas declarações de Philippe Ariès (1988) sobre o desconhecimento da infância na Idade Média, contesta igualmente a afirmação de que teria havido uma radical "Invenção" desta categoria social nos tempos modernos (Deschavanne e Tavoillot, 2007:322-325). Eles alertam também quanto à ambivalência das conquistas da nossa Modernidade a favor das crianças, conquistas estas que se iniciaram com o Cristianismo. Pois o triplo ganho em humanização, liberação e individualização se pagou paradoxalmente a um preço muito alto. Temos hoje mais dificuldade a entender o que é a criança, o que é a sua identidade. É irrecusável que a promoção das crianças ao estatuto integral de indivíduo humano livre abriu uma caixa de Pandora, Não mais sabemos o que é o adulto, o que é o fim

da infância como fase da vida, nem as características da adultez Entramos na era do "Jeunisme" /jovenismo, uma ideologia da juventude que repudia qualquer suspeita de ultrapassagem de uma praia da vida eternamente jovem, que comanda que devemos entrar na onda da última moda. O "jeunisme" que se experimenta principalmente por aqueles que teriam chegado no fim da adolescência está alicerçado numa *gaya ciência* para além do bem e do mal, cujo leme é: *juventude além de tudo!* É uma nova mentalidade que se instala .Nos a identificamos pelo jeito de pensar (se a palavra pensar não fosse desusada), de se vestir, pelo *hybris* pela exuberância que caracteriza os gestos, os movimentos, os encontros festivos e barulhentos, enfim pela maneira extravagante, arrogante, anti-adulto de estar-no-mundo.Essa epidemia já contaminou aqueles, Homens e Mulheres que, uns tempos atrás, hasteavam bem alto a bandeira do adulto. O amadurecimento virou uma balela.Os pequenos observando o comportamento das gerações anteriores.deram uma resposta à altura: decidiram permanecer crianças.com privilégios de gente grande. Um estranho mito de Peter Pan domina a mentalidade dos 7 a 50 anos. A pedofilia pode ser um sintoma disso...

Deste cenário decorrem pelo menos duas distorções: perdemos a especificidade da criança; perdemos consequentemente a possibilidade de educar. Neste novo rumo das coisas, a situação da infância se complica junto ao caos que se deu nas outras fases de existência privadas de referência.

Sem aderir nem à nostalgia de um hipotético outrora mais equilibrado, nem a um progressismo radical, examinaremos a questão da identidade criança nos diferentes meios de atuação, nos diferentes lugares de socialização, à luz da ficção autobiográfica, com a bússola da Mitocrítica e da Narratologia. Utilizaremos também certos recursos da Filosofia e das Ciências Humanas.

Esta penetração da Literatura num campo de estudos que aparentemente pertence mais aos domínios da Educação, da Psicologia e da Sociologia, não significa que a Literatura teria solução que os outros campos de competência não possuem. Seu papel é outro. A literatura suscita questionamentos, fornece lenha para esquentar a reflexão sobre problemas, talvez para discernir na colocação desses problemas quais são as falsas e quais são as boas perguntas,- o que o aproxima bastante da Filosofia, como salta aos olhos ao longo deste projeto até a Bibliografia (Tavoillot e Deschavanne, Ricoeur, Agamben, Wunemburger, Kowan que sintetiza a utopia de Agamben-Lyotard-Deleuze sobre a infância, além de Pierre Bayard que proporciona surpreendentemente a possibilidade de imaginar a infância como esta tríade; Philippe Sabot que defende como Bayard a tese de um pensamento virtual da Literatura). Os modelos elaborados pelos literários a partir das obras de arte providenciam uma delimitação, traçando as fronteiras do não dito, do impossível de dizer, circunscrevendo vazios que as Ciências Humanas não devem se apressar a preencher arbitrariamente. Uma visão prospectiva do objeto de estudo, uma infância não já catalogada: tal será a principal contribuição desta pesquisa. Não está garantida que ela esteja na pasta dos educadores, cientistas sociais, encarregados das políticas educativas do começo do terceiro milênio. Convém lembrar que a Literatura já foi procurada como interlocutora de alto gabarito por grandes personalidades do século XX como Sigmund Freud, Gaston Bachelard, Jean-Paul Sartre, Pierre Bourdieu...

A escritora brasileira Lya Luft tem a nossa preferência entre os bons autores de ficções autobiográficas. Assim como a obra instigante da francesa Amélie Northomb (pense, por exemplo, à *Biografia da fome*), suas obras não pertencem como tais à Literatura infanto-juvenil. Seus narradores protagonistas são “infantes”, sim, mas pensam grande e ambicionam ser escritores à imagem de sua autora. Este duplo traço e destino narrativo aparenta a escritora gaúcha a outros produtores de textos estrangeiros: Jacques Ferron (canadense), Nathalie Sarraute (francesa), Marguerite Duras, Jean-Paul Sartre, Georges Perec, Patrick Modiano. Propomos assinalar entre estes escritores estrangeiros e Lya Luft convergências e divergências. Focalizaremos em particular entre estes estrangeiros, Nathalie Sarraute e Jacques Ferron..Seria interessante (mas em pesquisa futura) estender a comparação entre a escritura autobiográfica de Lya Luft e os escritos do mesmo gênero de Silviano Santiago (*O falso mentiroso*), Dirce Assis Cavalcanti (*O Pai*), Manuel Sanchez (*Chove sobre a minha infância*), Milton Hatoum (*Relato de um certo Oriente*), Pedro Nava (*Balão cativo*), principalmente Graciliano Ramos(*Infância*).

Este projeto investigará as variações estruturais da identidade e da socialização nos narradores pré-adolescentes das ficções autobiográficas de Lya Luft à luz da hipótese de um pensamento virtual singular da Literatura defendida no século XX por Sigmund Freud, Marcel Proust, Filósofos da Arte, e hoje pelo professor Pierre Bayard, da Universidade de Paris-8. Partindo disto, a pesquisa destacará a contribuição em valor cognitivo que se descobre na trilogia da autora gaúcha publicada em 2004 pela Editora Record: depois da sua respectiva primeira edição em 1996 (*O rio do meio*), em 1999 (*O ponto cego*), em 2002 (*Mar de dentro*). Nas três obras, serão analisadas por um lado a ontologia do ser criança e por outro lado as suas relações com a alteridade (o social, os artefatos, a natureza, o transcendente). Serão também apresentadas as circunstâncias socioculturais de emergência da forma autobiográfica escolhida pela Autora. Pois tal forma, além de ter uma história, se revela um quadro de expressão onde a criança fictícia pode ocupar uma posição de primeiro plano em fala e ação, sobretudo pelo diálogo interior. Neste foro interno, ela sonha, pensa por conta própria, pesa os motivos de suas decisões, avalia criticamente os dizeres e fazeres dos adultos, enfim se libera do adultocentrismo dominante na vida empírica (Collart e Sosson, 2007). É um truísmo que a singularidade de uma obra de criação encontra-se melhor ressaltada mediante o cotejo com obras de feição aparentada. Por este motivo, todas as vezes que será necessário, as narrativas de Lya Luft serão confrontadas com os escritos autobiográficos de ilustres autores franceses e canadenses envolvidos num empreendimento similar: com *Enfance* (1983) da francesa Nathalie Sarraute, com *L'amélanchier* (1970) do canadense Jacques Ferron. São ficções autobiográficas, cujo respectivo narrador é um personagem criança empenhado no duplo processo de auto-identificações e de socializações, e preocupado com o ato de escrever. Pela comparação entre textos de cultura diferente, penetramos no campo de uma interculturalidade suscetível de trazer um conhecimento mais universal e mais nuançado da identidade-criança, de lastrar uma definição mais criteriosa do aporte de Lya Luft como biógrafa e escriba da infância.

Palavra chave: Autobiografia, Identidade, Infância, Interculturalidade, Socialização.

Justificativa

Uma justificativa completa comporta duas partes essenciais: uma parte literária que apresenta especialmente a novidade de abordagem de um assunto tão desgastado como a identidade e a criação dos romances de formação, uma outra parte que apresenta o contexto sociocultural, educativo e político que motiva este projeto.

Do ponto de vista literário, nossa tarefa é tentar desvendar e construir uma individualidade infantil que não seja ainda conhecida, à condição que os ficcionistas convocados, em primeiro lugar Lya Luft, consigam se alçar ao nível ambicionado por Jean-Jacques Wunemberger e por Paul Ricoeur. O primeiro espera do escritor que ele faça reviver e que renove os mitos que se encontram em estado difuso no seio de sua comunidade ou no mundo; o segundo espera que tanto o autor como o leitor possam reconhecer que ao se narrar o ator criança se invente, se crie uma identidade. Em Wunemberger e em Ricoeur, predomina um questionamento referente à Literatura que vale para todos os objetos tematizados obras literárias, como a criança, as relações sociais etc. Fazendo-se porta-voz de Paul Ricoeur durante uma emissão da ORTF em Paris, o filósofo Alain Finkielkraut (2006:13) formula este questionamento especialmente em relação à identidade:

"Que saurions-nous. de tout ce que nous appelons le soi, si cela n'avait pas été porté au langage et articulé par la littérature?" O que saberíamos de tudo aquilo que chamamos de Eu, se ele não tivesse sido levado à linguagem e articulado pela literatura?". ((tradução nossa):

Em seu próprio nome, Finkielkraut (2006:153) continua na linha do papel cognitiva atribuída à Literatura, dizendo:

"La littérature, et non la science politique et la sociologie, nous dit que les choses sont plus compliquées que nous pensons, (elle) questionne encore là où nous croyons trop hâtivement que les problèmes ont été résolus". "A literatura, e não a ciência política ou a sociologia, é que nos diz que as coisas são mais complicadas que nós pensamos; é ela que ainda interroga lá onde acreditamos muito depressa que os problemas já foram resolvidos". ((Tradução nossa).

Ora, com muita pertinência, o psicossociólogo Jean-Claude Kaufmann não para de ressaltar em seu estudo *"A invenção de si"* (2006) que a maior falácia hoje é aquela que consiste em dar por resolvido o problema do Eu ou da identidade. Ele atribui como uma das causas prováveis deste ilusão e deste engano: o fato de que a palavra "identidade" foi naturalizada, tornada como uma sorte de bandeira, de signos distintivos, de *fast food*, de *prêt-à-porter*, em todas as circunstâncias e hasteada nos mais variados domínios, - ideologia nacionalista, publicidade da moda e da empresa, reivindicações trabalhistas afirmacionismos culturais, sexuais, étnicos. Acontece, nota Kaufmann, que não existe ainda um verdadeiro conceito a respeito da identidade. Temos a prova disto ao constatar que, pouco tempo depois da *Invenção de si*, saíram no mesmo ano 2008 pelo menos dois livros que continuam pondo em questão a noção.. Eis aqui dois deles: *Quand Je est un autre/ Quando Eu é um Outro* (Kaufmann

2008), *L'Identité em question / A identidade em questão* (Hervé Marchal 2008). Por isso, julgamos conveniente pesquisar sobre o assunto por conta própria, pelo caminho das ficções de nossa escolha. Já temos de nosso lado o aval dos filósofos supracitados além da argumentação da *Literatura aplicada* de Pierre Bayard (cf. a seguir Fundamentos, Bibliografia) que dota a literatura de uma capacidade teórica à sua maneira.

No término de uma revisão dos trabalhos já realizados sobre a infância, verificamos que são pouquíssimos aqueles que nos trouxeram satisfação. Apenas nos agradam, - sem, porém, ter escolhido o caminho da identidade como problema nem como realidade a fazer existir a partir dos textos, - *Images de l'adolescence dans quelques récits du XXe siècle*, da francesa Elisabeth Ravoux-Rallo (1989), *L'enfance et l'errance: pour un appel à l'autre*, da canadense Monique Boucher (2005). O primeiro livro analisa a figura de dez adolescentes em dez romances dos anos 20 e 30. Seu maior interesse reside no uso de certas concepções de Nietzsche salpicadas esporadicamente, mas não sem reticências, de noções da Vulgata freudiana. O segundo texto analisa também algumas figuras de adolescentes ficcionais. A autora, Monique Boucher, escolheu como nos, o momento histórico do segundo pós-guerra. Mas ela o liga a uma problemática de nacionalismo quebequense, assunto que foge da nossa abordagem ontológica de uma idade da vida, desprovida de tais engajamentos ideológicos. No entanto, como esta autora, estamos interessados na vertente imaginária, não contudo na direção indicada pelo seu sub-título: "lecture mythanalythique du roman québécois contemporain". A nossa hermenêutica literária, somará reorientando-as, as três direções metodológicas de nossas duas antecessoras: a ontológica com principalmente com Paul Ricoeur (e Pierre Bayard nos bastidores), a imaginária com Jean-Jacques Wunemberger, a Psicanalítica (mas apenas como ponto de inflexão das visões de Ricoeur e Wunemberger).

A distância que tomamos a respeito dos trabalhos anteriores se deve ao fato de que essas críticas estão amarradas ainda no sistema interpretativo da representação. Ora a nossa busca da infância, alicerçada na problemática da identidade, requer a busca de uma "ontologia fraca" (expressão de Finkelkraut), impõe uma concepção não representativa da Literatura que se iniciou outrora com Albert Thibaudet (*Réflexions sur la Littérature*, Gallimard, 1938), que continuou com Roland Barthes, e que se consolidou nas noções de "identidade narrativa" e de "refiguração" de Paul Ricoeur. Quando Barthes publicou sobre a China *L'empire des signes*, houve um grito de reprovação por parte de críticos literários, historiadores, geógrafos e antropólogos da velha guarda. Cobraram dele a não correspondência da sua imagem da China com aquela que eles conheciam.

Tal é um dos problemas que enfrentam escritores e críticos que adotam a perspectiva criativa que é alvejamos. Trata-se de uma confusão entre o discurso literário e o discurso empírico é uma tentação permanente, não apenas do grande público, mas também de certos especialistas. É preciso renovar a idéia de literatura. Deploramos que o campo literário ainda padece, com a voga das narrativas em primeira pessoa, da ilusão identificatória entre ficção e verdade. Sabemos que, a esta ilusão, se juntam outros tipos de armadilhas. Uma delas advém quando certos enunciados do livro reproduzem declarações emitidas pelo autor em entrevistas ou em colunas de jornais, quando se nota nas descrições de lugares o próprio lugar de nascimento do escritor. Outras surgem quando o escritor multiplica datas, eventos

históricos de que participou, atribui o seu nome ao protagonista. A bem da verdade, de alguns fatos particulares, de algum trecho, de múltiplos detalhes não se pode, porém, concluir a uma coincidência do conjunto..Mesmo quando vem a confirmação irônica ou despropositada do escritor. Antes de se preocupar com os detalhes (pedra, cal, cimento, água, madeira, areio, etc.), tanto a poética como a crítica literária se interessam pela construção do castelo, como tem demonstrado temática e estruturalmente Ariano Suassuna na composição da sua obra-prima, *A Pedra do Reino*, como também declara Christine Montalbetti (1997:3,43-45):

“tout énoncé implique une réélaboration, à l'échelle générale du texte, l'objet produit par les Confessions (de Rousseau), n'est pas exactement la vie de Rousseau.... Il y a une dimension allogène de l'objet (décrit)...Parce que la fiction est artefact, elle forge, autant que ses objets, les principes qui les ordonnent, et en particulier elle inscrit les événements à l'intérieur d'un cadre, qui est à la fois construit à chaque coup, et emprunté à un ensemble de formes déjà prêtes et immédiatement lisibles, aux exigences de la poétique, aux règles du genre, qui participent de l'horizon d'attente.»

Grosso modo, diz esta citação: todo enunciado exige uma re-elaboração e uma re-contextualização; o texto fabrica uma coisa totalmente outra e puramente textual com os dados empíricos.

Tomada ao pé da letra, esta posição carrega, contudo, um ranço textualista que rejeita com pertinência Paul Ricoeur na vertente pragmática e ética de sua Hermenêutica resumida por Alain Thomasset (2008:93-118). Na verdade a formulação de Montalbetti falta certa nuance. Porque a literatura tem a ver com o real. Lucien Goldman falava de homologia, que também é uma formula suspeita de reificação do texto literário. Mesmo quando argumentávamos há pouco a favor da não representação, é preciso fugir do purismo da matéria textual e voltar a se estabelecer no compromisso seguinte: a ficção fica a meio caminho entre o mundo real e o mundo imaginado; até certo ponto há algo dos dois nela. Como veremos mais adiante na companhia de Wunemburger (2005), em suas reflexões sobre a Mitocrítica, a narrativa mítica, modelo de toda narrativa, se narra a partir de muitos discursos e experiências vividas numa dada comunidade. Minha posição anti-representativa não queria, de fato, significar uma ruptura total com o mundo real. Queria apenas evitar uma confusão entre aquilo que parece ser sem o ser totalmente dois mundos, senão pela presença ou ausência de uma certa organização que admite grau maior e menor :de um lado, há um mundo caótico, um caosmos; de outro lado, uma organização em diversos níveis e modos de formalização **dentro deste mesmo caos**, das Linguagens inclusive as Artes... A armadilha das armadilhas reside no fato de diversas modos e níveis de organização nomeiam com as mesmas palavras, se expressam com o mesmo material. Encerramos este assunto confortando a posição de Roland Barthes. Sua China **é e não é** a China dos geógrafos e dos antropólogos. Dizer, escrever é deslocar a realidade. É justamente isso que fizera Lya Luft. Também Nathalie Sarraute. Também Jacques Ferron na sua escritura da infância. Nossa tarefa será de deslocar o deslocamento deles, e não multiplicar os pontos de coincidência entre o real e o literário.

Como vamos proceder para dar conta desta realidade imaginada que, no entanto, tem um pé na realidade nossa ?

Relembramos que nos tempos modernos, a literatura anda geralmente com uma escolta de Cientistas sociais e de Filósofos. Empreendendo uma pesquisa sobre narrativa autobiográfica e sobre o tema da infância, logo encontramos no caminho uma espécie de "biografical turn" que ultrapassa o campo da Literatura. Pois é. Já tinham acampado por aí. "A Escola de Chicago" e outras Escolas de sociologia (cf Peneff,1980), Psicólogos, Filósofos como Agamben, Bilen, Bouveresse, Butler, Deschavanne e Tavoillot, Kowan, Lyotard; Psicosociólogos (Falias e Rigas) etc. Na Literatura existe, decerto, a grande tradição ilustrada por Santo Agostinho, Montaigne, Pascal; existe a florescência de *romances de formação* na Europa do século XVIII, (Florence Bancaud-Maënen,1998); existe também a grande linhagem escandida por Rousseau, Chateaubriand, Senancour, Musset, Stendhal, Proust, Gide etc. Mas a partir da guerra de 1939-1945, passou da simples escritura do Ego,- como se compraz em a estuda-lo boa parte dos capítulos de livros coletivos da nossa bibliografia - para revestir uma dimensão sociocultural, política, multicultural, dentro de uma espécie de virada antropológica (cf. Bornand, Chiantaretto, *Elseneur*, Lejeune, Miraux, Ouellet, Simonet). Estes últimos estudiosos e o material por eles utilizados tem perdido muito da ingenuidade de outrora; eles nos introduzem à complexidade de de Eus cindidos,múltiplos, amiúde insituáveis. Testemunham essa mudança a história da Autobiografia na França de Philippe Lejeune (Colin 2004; Seuil 2005) e o livro de Marie Bornand (2004).

Estamos a milhares de léguas dos relatos e escritas confessionais de outrora, porque a História social e política, novas experiências, assim como a revolução dos costumes e dos meios de comunicação mexeram com a cabeça dos escritores de autobiografia. Não há de se espantar a respeito: o assunto "criança" não pertence em prioridade aos Literários Para limitar-nos a alguns cientistas sociais que nos servem de escolta, informando-nos, senão sobre a criança como tal mas ao menos sobre a identidade, indicamos Historiadores como Áries e Del Priore, Psicólogos como Jean Piaget e Jean Chateau, psicanalistas como Françoise Dolto e a corporação dos Freud-Lacanianos, Psicociólogos, Sociólogos e antropólogos como Jean-Claude Kaufmann,François De Singly, Clarice Kohn, Cossart e Sosson, sem falar de inumeráveis Colóquios, de Revistas em diversas línguas exclusivamente dedicadas a Infância ou à Adolescentes, e onde se nota a presença de Assistentes sociais e de Juristas. A mesa está farta. A escolta é abundante.

Mas afinal, que tipo de eu-criança podemos esperar desvendar ou construir mediante o imaginário de escritores diferentes pelo país, pela cultura, até pela geração? Cabe a Justificativa sociopolítica esboçar uma resposta.

É pertinente, porém, se perguntar: onde está situado o leitor adulto que intenta trabalhar novelas e romances em primeira pessoa, nos quais o Eu é o de uma narradora criança que o leitor não é mais? O lugar onde me situo é o de um operador de texto, junto aos recursos pscosociológicos de Kaufmann e de De Singly. O que não significa que tomarei uma postura de cientista como aquela a qual aspiravam os Estruturalistas da primeira onda. Pois, dum lado, nos adverte Wunemberger é preciso, para ler os possíveis de um texto, ser atento ao surgimento de mitos que governam a criação literária, e, através deles, impulsionados por eles, entrar corpo e alma na

obra. Por outro lado, Freud pelo intermédio do seu fiel exegeta Renato Mezan (2002:312-316) nos ensina: *A criança está sempre viva no adulto*. Reforço a Mezan não falta no livro organizado por Graña e Piva (2004). Mencionamos nesta reunião de estudiosos por Graña e Piva os nomes incontornáveis de Haydée Faimberg (O conflito do adolescente no adulto, p.123-130) e de Ana Rosa Trachtenberg (Transmissão psíquica intergeracional e transgeracional: o complexo de Édipo da dupla diferença, p.139-152).. Voltando ao mergulhar-se na obra. Este gesto não descarta a cautela de providenciar um mapa, fosse para nos livrar dele durante o caminho. Os bons turistas sabem disso, e também os caçadores inteligentes. Vamos, então, nos informar sobre a natureza ou a rota da identidade, seus pontos de passagem, consultando dois de nossos companheiros de escolta formados em Psicossociologia e em Sociologia: Já os temos apresentados e re-apresentados: são François de Singly e Jean-Claude Kaufmann.

Para começar, qual é o quadro geral de onde vão surgir no mundo as nossas crianças Na ocasião de um pronunciamento sobre as sociedades modernas, De Singly (2006: 77-79) divide essas sociedades em sociedades holistas e sociedades individualistas. As primeiras, - pertencentes em geral à etapa da primeira Modernidade que terminou no começo dos anos 50 do século XX, - ele atribui os traços de apego ao passado, à herança; as segundas, ele atribui certa desenvoltura, um apego à liberdade, a forte inclinação a recusar o passado. Conclui ele, dizendo "A verdade situa-se entre estas duas versões. Para a identidade, a mesma alternativa se apresenta." (De Singly, 2006:77-79), ou seja, tal sociedade, qual identidade. Mas sem apertar muito a bipolaridade nem a analogia que dela inferimos. Todavia, tendem a desaparecer hoje as sociedades holistas que eram guardiãs dos esquemas sociais oriundos do passado tornados hoje normas institucionais, e tendem a ocupar o panorama do segundo pós-guerra as sociedades individualistas (descritas por Norbert Elias, Alain Touraine, Alain Renaut, Zygmunt Bauman). Nestas segundas se observam jovens e menos jovens que em geral rompem com os laços de socialização para aderir a um modo de viver individualista que faz do sujeito o senhor de si mesmo, um sujeito com uma grande fluidez em relação à identidade (De Singly, 2006:73). O leitor deve ter percebido neste predomínio da fluidez a ressonância deleuziano-guattariana do *Anti-Édipo* e *Mil Platôs*. Essa distinção terá eco aqui mesmo no espaço de fala de Alain Renaut na segunda parte da **Justificativa**.

O que nos informa por sua vez J-C Kaufmann? Parece haver nele certa evolução entre duas posições. Num primeiro tempo, ele adotou n' *A Invenção de Si* (2005:131-156) o conceito de identidade narrativa de Ricoeur que bem corresponde a esta fluidez moderna do que falou De Singly. Num segundo momento, ele deixa a impressão que a socialização re-coloca essa fluidez no molde antigo (*Quand Je est un autre*. 2008:36). Diz ele substancialmente o seguinte: o fundo da questão identitária em nossos dias reside na pergunta Quem sou eu? Mas esse EU, por um lado, puramente teórico, estando sempre sendo, é impossível fixá-lo. Por outro lado, enquanto portador de uma identidade, mesmo feita de identificações sucessivas, o indivíduo requer os recursos de uma alteridade exterior a si mesmo, uma alteridade diferente daquela que compõe o seu ser múltiplo. Nos termos de Kaufmann (2008:140) essa alteridade é principalmente "uma coisa e só uma coisa: a reprodução da socialização adquirida, sendo esta sedimentada sob forma de memória implícita ou de instituições exteriores (*Quand Je est un autre*, 2008:149-151). A fórmula-título *Je est un autre*, reveste conseqüentemente um duplo sentido, ou melhor, diversos graus

de afirmação de identidade em movimento. Mudamos constantemente, mas parte desta identidade em movimento está alienada no outrem, fica na dependência de outrem, segundo os princípios de sociabilização cujas regras são apontadas por Claude Dubar (2005).. Para Kaufman, a ruptura completa com a sociedade holista é uma utopia. Impossível se estabelecer na fluidez sem fim, nem num egocentrismo absoluto. Assim penso. O filósofo Alain Renaut (2004) assinalará mais adiante as dificuldades de sustentar até o fim a posição extrema, a qual não aderem nem De Singly (ele quer ficar a meio caminho), nem Kaufmann como acabamos de ver. Moderada também, no plano da criação, se demonstrará a postura de Wunemberger (cf. Fundamentos). Com ele, as reservas apontadas aqui e mais adiante por Renaut serão transferidas em uma outra ordem semântica, a da Mitocrítica (Wunemberger 2001::67-126;155-162; 2005:69-84).

Para encerrar esta primeira parte da justificativa que até certo ponto anexou alguns informes da segunda, voltamos a reafirmar nossa postura de leitor. Temos rejeitado a representação ultra-realista assim como o estruturalismo supostamente científico. Acreditamos que os elementos de um texto literário são intimamente combinados dentro do seu dinamismo interno sem deixar de acenar cá e acolá para o mundo da vida. Procuraremos analisar de que maneira essas combinações contribuem à uma configuração sui generis, à solidez e à beleza arquitetônica sem deixar de dar conta do mundo da vida, no caso presente, na construção imaginária de uma identidade criança ou adolescente. A obra literária, parente neste sentido das Ciências do Homem, cria *artefatos*, ou seja, realidades enigmáticas pré-existentes à apreciação estética.. Neste sentido, o principal ofício do escritor consiste em nos oferecer uma *matéria de carpentaria* (Osman Lins). É sobre as virtualidades cognitivas de uma tal arquitetônica virtual que nos debruçaremos junto aos Estudiosos do Imaginário e ao filósofo e narratólogo Paul Ricoeur, com a ambição de vislumbrar o ser criança da nossa Modernidade. No momento deste encerramento, sentimos uma grande frustração. Numa perspectiva comparatista, nos falta para confrontar de modo extensivo o grau de refinamento e de originalidade de cada autor de nosso corpus na História da escrita autobiográfica. Não dispomos até agora de informação suficiente sobre a biblioteca deles, nos faltam para Lya Luft, Nathalie Sarraute, Jacques Ferron, os recursos da bela autobiografia de Marguerite Duras por Aliette Armel (1990). Pensamos que não é prudente confiar apenas no jogo da intertextualidade e da peritelia. Nosso consolo é que este aspecto é um pouco periférico ao problema da identidade como tal. Será mesmo?

Justificativa sociopolítica

Lya Luft, Jacques Ferron, Nathalie Sarraute.

Três escritores nascidos antes da segunda guerra mundial, mas que escreveram e publicaram depois de ter provavelmente assistido à ou de ter participado de grandes acontecimentos políticos, socioeconômicos e culturais dos anos de guerra e /ou de pós-guerra 1939-1945. No Brasil, houve a terrível ditadura militar e o denominado "milagre econômico" (o bastão e a cenoura), no Canadá de cultura francesa, o Québec houve as perturbações políticas acompanhadas de numerosos momentos de grandes exaltações separatistas e culturais chamadas a Revolução tranqüila; na França houve a repercussão sobre os espíritos da Guerra da Indochina, a Primavera de Praga, Maio 68, a Guerra da Argélia. Para todos, houve o surgimento da

terceira geração informática e tudo que esta traz consigo de revolução na Comunicação e Informação. E concomitantemente uma explosão de relatos (auto) biográficos, de proclamações e/ou de reivindicações de identidades substancialistas (sou ou somos isto e não somos aquilo), posteriores às grandes marchas, na década anterior, dos Negros americanos para os Direitos Cívicos, e a luta dos Africanos pela Independência.

Em meio a todas essas comoções e movimentos sociais (e outros fatos que omitimos), certas formas de identidades, certos tipos de indivíduos que as lastram, vão se aliviar escrevendo relatos de vida do tipo confessional, quer por índole narcisista em uma sorte de neo-romantismo, quer por alívio da angústia de existir, mais precisamente pela necessidade de testemunhar, num mundo já tomado pela comunicação apesar das restrições da censura oficial. Apologia para sua vida, autodefesa diante dos familiares e conhecidos, justificação de atos suscetíveis de ser mal interpretados no espaço público, crítica dos costumes, resgate da mais valia da vida verdadeira que passou ao longe, busca de auto-reconhecimento, de estima de si arranhada pelos meios onde circulou, procura de uma justiça a ser feita, vontade de melhor fisgar a multiplicidade de fios assaz intangíveis que tecem uma existência antes da morte e, - principalmente nas narrativas que elegemos, tentativa de responder através de uma indagação histórica à dupla pergunta fundamental quem sou eu ? Quem são eles que parecem interrogar o que sou? Para responder a essa dupla questão, que preocupa toda a humanidade pensante antes de dizer respeito ao escritor como escritor, não seria indispensável começar por interrogar, no enigma do seu ser, aquele que Coleridge, Wordsworth, Machado de Assis pensam ser o princípio, senão o modelo, da nossa humanidade, - a infância?. Passar pela infância evoluindo no palco de uma ficção para entender na fonte o que é uma identidade e como ela se constrói, se desconstrói e se reconstrói incessantemente na interface com o meio de vida, tal é bem a partitura executada magistralmente por Lya Luft, Nathalie Sarraute e Jacques Ferron, e que nos cabe tocar, analisando-a.

Sabendo que existe uma ação bem planejada a favor da infância, uma ação que se preocupa com a especificidade da criança com sujeito, em vez de tomar e de aplicar decisões mal informadas, constituiria certamente um suporte moral para pesquisadores em Letras, Artes e Ciências Humanas. Por isso é que abrimos um parágrafo sobre as ações políticas e jurídicas que dizem respeito à infância. Começamos pelas Grandes instituições internacionais e as repercussões de suas decisões.

Uma ênfase na autonomia do sujeito sem exceção de idade já foi reivindicada pela Declaração dos Direitos Humanos (1789) e reiterada várias vezes pelas Nações Unidas (e.g. 1948) e pela UNESCO..Comentando a reticência do pensador social Hanna Arendt a respeito da extensão aos Jovens desses princípios de liberdade, de igualdade e de cidadania, o filósofo francês Alain Renaut (2002,2004) apontou a necessidade para todos, pais e educadores, de aprender uma vez por todas a considerar as crianças e os adolescentes como seres iguais em humanidade aos adultos. É por essa razão que os meninos e meninas tem de ser reconhecidos legitimamente como sujeitos de direito e aptos a cidadania. Porém, admite Renaut de acordo com Arendt, este reconhecimento não vai sem contradição entre os princípios afirmados e a prática da vida, principalmente a prática educativa. Se olharmos atentamente o texto mesmo da Convenção Internacional dos Direitos da Criança e do

Adolescente (que reconduziu a Lei Fernando Collor Nº 8.069/1990 e a Convenção sobre os Direitos da Criança, completada pela Lei nº 8.242/1991 da CONANDA, reparamos uma justaposição de direitos do menor e de deveres do adulto (parentes, juízos Assistentes sociais, parentes substitutos) que seja frisada a contrapartida em deveres por parte das crianças e adolescentes (leia neste respeito os art.12 a 19).

Não é difícil de entender essa confusão e contradição. De todas as nossas instituições, a educação segundo Renaut (2004), é justamente aquela que se revela ainda parada no antigo regime onde reinava o autoritarismo dos mais velhos ou dos que exerceram o poder. Neste domínio, consciente ou inconscientemente, vivemos esquizofrenicamente. Mesmo aqueles que na sua infância ou na sua vida política sofreram de arbitrariedade reconduzem mecânica e inconscientemente a tirania e a prepotência. No entanto, em momentos de crise, de reivindicações, esbanjamos em falatório sobre democracia, diálogo, abertura..

A relevância do método biográfico para o nosso material de pesquisa parece ter algo a ver com isso. De um lado, alguém que sofreu de uma educação inadequada, de uma caricatura de educação, destas relações de arbitrariedades das sociedades holistas (segundo De Singly, 2006), teria motivo de redigir a sua autobiografia, como fizeram aqueles que foram vítimas do nazismo (Marie Bornand 2004). Foi um exercício de protesto, de reivindicação de humanidade, de reencontro com a estima de si, como temos escrito alhures neste projeto. De outro lado, a autobiografia tem-se revelado de considerável importância enquanto espaço multidisciplinar, enquanto abordagem científica em Literatura e Ciências humanas, como o relatam numa perspectiva sócio-histórica o sociólogo Jean Peneff (1990) e os psicossociólogos Vassilis Filias e Anastásia-Valentine Rigas (2008:121-132). Esses autores põem considerável ênfase sobre a popularidade do método biográfico e autobiográfico, a sua extensão nas décadas de 1970-1980 (Peneff) como em nossos dias (Filias e Rigas). Ouçam testemunha de um deles:

Maintenant que la grande mode est passée, du moins dans les médias et le grand public, on peut aborder le thème de l'autobiographie, des histoires de vie ou de l'histoire orale avec plus de sérénité. Já que passou a grande moda pelo menos na Midia e no grande público podemos abordar com serenidade o tema da autobiografia, das histórias de vida ou da história oral

Assim começa o livro "O método biográfico" de Peneff que data de 1990. Ele teve o seu equivalente literário no livro de Philippe Lejeune, *L'autobiographie em France* (Colin, 2004/1971). Peneff completa sua observação dizendo que esses relatos suscitaram no público um entusiasmo incomparável; que entre os pesquisadores foi uma mobilização sem precedente. Comprova isto o número três vezes maior para qualquer outro assunto em matéria de colóquios, de mesas redondas, de livros-guia sobre a autobiografia nos quinze anos indo de 1970 a 1990.

O autor vê o meio dos anos 70 do século XX como uma época onde muitos franceses que entraram na aposentadoria (um bom número de franceses que nasceram no começo do século como Marguerite Duras, Jean-Paul Sartre, Nathalie Sarraute), conheceram a primeira Guerra mundial, padeceram da crise econômica de 1929-1933, sofreram da guerra de 1939-1945 ou da resistência, assistiram à guerra

fria e a guerra da Indochina, beneficiaram da melhoria de vida que se iniciou nos anos 50, presenciaram em 1968 a revolta dos jovens contra as Instituições e as Gerações anteriores e sentiram o corte histórico que anunciara a era do Pós-moderno (J.-F Lyotard) e das Novas Tecnologias de Comunicação e de Informação (NTCI) que ulteriormente na passagem do milênio será re-denominada por alguns cientistas sociais de neomoderno (Marc Augé) ou de hipermoderno (Sébastien Charles).

Mas no Québec e principalmente no Brasil durante as “Trinta gloriosas” que se iniciaram na Euro-América como uma era de abundância (falava no Brasil de “anos de milagre” econômico), havia uma face obscura e assaz angustiante. Foi, no Québec (Canadá) o tempo da Revolução Tranqüila (1955-1970), com algumas explosões de violência em meio à uma euforia coletiva de identidade (re)encontrada. Foi no Brasil o tempo do medo e da insegurança instalada pela ditadura militar (1967-1978). Até certo ponto, em razão mesmo da circulação das informações devidas à explosão da TV seguida da terceira geração informática (1955;1970-1980), numa era onde conseqüentemente a sensibilidade dos intelectuais do mundo inteiro podia ser exposta a eventos marcantes como a Guerra da Argélia, a Guerra do Vietnã, a Primavera de Praga, Maio 68, os constrangimentos e mandonismo do tradicionalista incondicional Primeiro ministro Maurice Duplessis no Québec, a resistência dos movimentos de esquerda ao poder de Estados arbitrários que cassavam funcionários e parlamentares, revogaram direitos, aprisionaram, torturaram e exilaram na América latina. Tomamos a liberdade de remeter o leitor às fontes seguintes: para o Brasil, Carlos Guilherme Mota (2000:197-231); para o Québec, Alain Bélanger, Núbia Hanciau, Sylvie Dion:(1998); para a França, Jean Peneff (1990). Foram publicadas centenas de textos de índole biográfico ou autobiográfico. Entre os quais mencionamos o testemunho anticolonialista *Le fils du pauvre* (1967) do argeliano Mouloud Ferraoun; o romance autobiográfico, talvez parcialmente apologético *Papillon*, de uma personalidade reconhecidamente marginal, o francês Henri Charrière; a ficção de tipo memorialista, *Dans un gant de fer* (1965-1966) da famosa escritora quebequense Claire Martin, a novela autobiográfica, *L'Amélanchier* (1970) do não menos ilustre escritor do Québec Jacques Ferron.. A grande escritora Claire Martin confessou ter romanceado parte de sua vida pessoal no livro que acabamos de citar. Pensamos que antes de tudo ela inventou o mundo que antecedeu a virada da Revolução Tranqüila e que se alicerçava no padrão anti-educativo do regime sombrio do governo de Maurice Duplessis qualificado de “Petite Noireur”/Pequena Obscuridão/ pelo ensaísta Jean Larose (1987). É toda uma sociedade quebequense que esta colocada em questão também na belíssima novela de Jacques Ferron.

Em todos esses livros que acabamos de citar, a forma autobiográfica e sua escolha de um menino ou de uma menina como narrador homodiegético tem uma importância considerável para a temática da identidade em sua concepção modera que é plural..Uma coisa que esquece muitos ativistas de todos as cores e causas..Reparamos que, ao contrário de Claire Martin que, como mulher, escolheu uma menina, alguém do seu sexo, na função de Narrador em primeira pessoa, Ferron escolheu de preferência uma menina neste papel. Mais de vinte anos depois, no Brasil, Lya Luft,- de grande astúcia retórica até nas epígrafes, na disposição dos parágrafos, no uso de peritexto,- empregará os dois tipos de protagonista, burlando duplamente o leitor.Procedendo assim, ela oferece à comunidade das leitoras o engodo de identificar-se com uma narradora feminina em três de suas novelas (*A Asa esquerda do Anjo, O Rio do meio, Mar de dentro*), reservando para o desempenho de um

menino, na mesma função de narrador protagonista em primeira pessoa, na novela *O Ponto Cego*. Lya Luft. Neste último livro mencionado, a escritora gaúcha, faculta uma identificação mais fácil ao leitor de sexo masculino. Por seu lado, Jacques Ferron elegeu para sua narrativa autobiográfica *L'amélanhier* a menina Tinamer na mesma função que a do menino do *Ponto Cego*. Os dois livros proporcionariam uma reflexão sobre o problema da pluralidade de identidade em um mesmo indivíduo, ao incluir uma identidade de gênero na identidade criança. É um assunto que merece uma indagação comparativa no plano da interculturalidade. O bilingüismo da menina da *Asa esquerda do anjo* (que não é parte da trilogia que temos em mira), também levanta uma comparação neste plano, que se estenderá à obra de Ferron, à novela *Enfance* de Nathalie Sarraute. Belos confrontos em perspectiva.

OBJETIVOS: e HIPÓTESE

A hipótese que funda **os objetivos principais** pode ser formulada da maneira seguinte: **a imaginação literária tem muito a nos ensinar em todas as ordens do conhecimento..**

Banal à primeira vista, essa hipótese remete, porém, a um princípio cardeal da Filosofia da Arte do Romantismo. A tem defendida no século XX Sigmund Freud (Escritores criativos e devaneio), Marcel Proust, Gilbert Durand e seus grupos de estudos sobre o imaginário espalhados no mundo, os filósofos da Ciência (Gaston Bachelard, Gerald Holton, Michel Serres), os Filósofos de orientação fenomenológica como Arthur Le Danto (*The imagination of the commonplace*), Paul Ricoeur (*Temps et récit*, 1984-1987), Alain Finkielkraut (*Ce que peut la Littérature*, 2006:13,153). Nos retomamos a fim de fazer frutificar numa ontologia do sujeito criança, em conformidade às teses sobre a Literatura aplicada de Pierre Bayard.(2004) que encontram subsídios em Walter O.Kowan (2003), intérprete do pensamento original sobre a infância de Agamben-Deleuze-Lyotard.

OBJETIVOS

Nossos objetivos banham num ambiente de conscientização dos valores éticos da Modernidade revolucionária e democrática.

1-Objetivo principal N°1

Procurar construir uma idéia de criança no prolongamento de obras de imaginação.

Isto pressupõe uma força criadora suficientemente poderosa apta a orientar conceitualmente o leitor em direção de um modelo de infância verdadeiramente

moderna. O que acarreta também um trabalho de co-criação junto ao autor do lado do leitor-pesquisador, como veremos nos Fundamentos.

2-Objetivo principal N°2

Proceder a uma avaliação sistemática, ao prisma dos valores da Modernidade democrática, dos modos de socialização.

Estes são demonstrados pelos indivíduos-criança imaginados pelos autores do corpus. Nesta finalidade, será preciso observar a distribuição e assunção dos papéis no seio da família e fora da família, onde há conformismo, onde há desconstrução e abertura ao novo.. É mister procurar sistematicamente nessa abertura ultrapassagens suscetíveis de corresponder àquilo que Hervé Marchal (2008:60) designa pela expressão "virtualidades indecisas". Pois a literatura é mais construtora de enigmas, de entes potenciais, "in fieri"/ em devir, do que proponente de entidades fixas e substancializadas. A perspectiva sócio-antropológica pode trazer grande suporte na exploração desta avaliação. Pensamos particularmente no conceito de **aculturação** com as suas vertentes de assimilação, de resistência ou de integração negociada. É oportuno citar aqui essa passagem de Abdallah-Preteceille (2005:81):

O processo de aculturação repensado e adaptado em termos de mestiçagem, empréstimos, transgressões de fronteiras geográficas, culturais ou simbólicas, sai de seu estatuto de exceção e de marginalidade para se tornar central e fecundo. São todos os indivíduos que experimentam o processo permanente de aculturação (i.e. de socialização). E esta não é uma construção única, mas uma policulturalidade (livre tradução nossa).

Ainda na perspectiva sócio-antropológica, pensamos também ao conceito de **identidade plural e inacabada**, de que temos falado na Justificativa.

Imaginem agora que quadro ético de diálogo vão ter que se dar pais, professores, juízes, assistentes sociais que eventualmente terão de efetuar transações educativas com as crianças, ao passo que eles mesmos estariam (e estão!) em fase de socialização, esta não tendo fim para ninguém hoje! Saber dialogar com seus outros Eu internos e ainda em mudança vai ser um pré-requisito para uma relação autêntica com os pequenos.

Já deu para prever o aporte considerável que podem trazer no cumprimento deste objetivo a noção de *tradução de si mesmo* de Paul Ricoeur (2004; Kearney 2008), assim como a noção complementar de tradução intercultural (Abdallah-Preteceille 2005; Claude Clanet, 1993). A Invenção de si da criança, ao se sobremultiplicar, torna-se mais complexa. Em compensação, esta complexidade nos leva muito mais próximo da sua ontologia verdadeira. Estamos habilitados agora a formular mais um objetivo:

3-Objetivo principal N°3

Observar se, na tônica da Modernidade democrática, o menino ou a menina ficcional assume ou não uma posição de ator social ou de co-ator nas suas transações multifacetadas.

Veremos se o menino ou a menina consegue driblar as imposições ou, pelo menos, se os adultos lhe franqueiam um espaço de negociação ou de conciliação.(Deschavanne et Tavoillot,2004).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir os objetivos gerais, precisamos empreender o curso de ações a seguir:

1) Estudar e fazer inferências acerca do conjunto de signos estáticos e em movimento pelos quais se elabora uma identidade infantil fictícia. Ou seja, perseguir atentamente de que maneira nasce, interage, se afirma, evolui, capturando a pluralidade dos /Eu/ em situação, na esfera privada como na esfera pública;

2) Observar os diálogos interiores (com o si mesmo ou com imagos e modelos de socialização interiorizados) e os diálogos externos ou com uma múltipla alteridade externa;

3) Observar a linguagem emitida pelos comportamentos, os pontos de aderência do sujeito, as suas movimentações nos tempos e nos espaços e grau de afastamento destes de um ponto de aderência ou de referência;

4) Reunir e interconectar as respectivas características em esferas diferentes para constituir um mapa dinâmico sobre o ser e seus modos de relação; 7)) Procurar saber, a partir da reunião dos feixes de traços característicos de diálogos, comportamentos verbais e não verbais, espaço, as faculdades de sentir, de pensar, de agir a que princípio explicativo obedece;

5) Procurar descobrir, mediante um adequado conhecimento prévio s expectativas teóricas e axiológicas da sociedade democrática moderna, se o material analisado em sua síntese mais abstrata (a sua filosofia, ou pensamento virtual), se revela ou não em conformidade com o ideário moderno lembrado por Alain Renaut (2004:139-158);

6) Medir e avaliar o grau de desvio entre o ser criança proporcionado pelos textos e o ser criança do ideário democrático reivindicada oficialmente pelas políticas públicas e educativas de nossos tempos na França, no Québec e no Brasil desde o segundo pós-guerra;

7) Cotejando o gradiente de invenção de um modelo de infância por Lya Luft, Jacques Ferron, Nathalie Sarraute, opinar acerca do mérito inventivo de cada qual.

8) Pela mesma ocasião, procurar verificar a ultrapassagem de qualquer modelo (de pendor quer reacionário quer iluminista) resultante do labor imaginativo dos Ficcionistas. Nesta perspectiva, o uso específico da autobiografia por Lya Luft, Nathalie Sarraute, Jacques Ferron pode ser testado comparando-o como modelo padrão dos romances de formação. Pode ser observado aqui o emprego ou não da intervenção autoral no texto, em que medida o autor se interpõe entre a criança e nos. Seria para suprir a falta de maturidade reflexiva da parte da personagem criança? Ou será que ele quer quebrar a regra da verossimilhança prestando aos pequenos reflexões e

ações de gente grande? Que incidência isso pode ter na ordem estética e na ordem cognitiva? Qual poderia ser o efeito intencional perseguido? Ou seria apenas a consequência de uma projeção por falta de cuidado,? Ou um desafio a Instituição literária? Seria talvez mais uma peça a colocar no dossiê de avaliação do modelo ou de paradigma da infância que o autor quer propor, atropelando com um princípio de ficção idiossincrásico a tradição da representação literária? Qual seria então a relação entre esse princípio de ficção e as recomendações atuais das agências, das políticas públicas e educativas dominantes no Ocidente, na América latina e no Brasil? A resposta, se resposta há, virá no final da pesquisa.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Intencionalmente, com o todo artista escritor; os autores querem nos brindar com uma boa e bela história sobre meninos e meninas, portanto sobre a infância. Mas para os Estudiosos do Imaginário da Escola de Gilbert Durand, para Paul Ricoeur e para Pierre Bayard, haveria muito mais do que um efeito prazeroso sobre leitores complacentes. Nosso trabalho repousa sobre isto.

A- POSIÇÃO DOS ESPECIALISTAS DO IMAGINÁRIO.

Retemos aqui duas contribuições: a dos estudiosos da sociologia, a do filósofo das imagens J-J Wunemberger.

A primeira contribuição não ultrapassa uma declaração de princípio.

Do ponto de vista dos Sociólogos do imaginário Legros, Monneyron, Renard, Tacussel (2006/2007: 234-236), a literatura tem um poder visionário e modelador da imaginário social..Tomando por exemplo *a Comédia Humana* de Balzac, ao prestar atenção ao modo de narrar, à estrutura de composição, à construção da realidade social mediante a descrição de personagens, de ambiente, do cenário, atribuição de pensamento, chegamos a uma espécie de antecipação do capitalismo industrial. Sem o saber, a obra de Balzac romancista nos brinda com um "paradigma estético-compreensivo", o " esboço de uma sociologia figurativa" que autoriza considerar a literatura como um "modo de investigação importante para a sociologia do imaginário".

Mais ainda, citando Jauss, nossos sociólogos argumentam que, pela sua representação do real a ficção literária "contribui para moldar a imagem da sociedade que está na sua origem".Ela não apenas representa o real. Para além da **mimesis**, que trai aqui o emprego da palavra **imagem** a Literatura cria.De acordo com Alain Roger (*Nus et Paysages.Essai sur la fonction de l'art*.Aubier,1976,p.73), para eles «a arte e a literatura, antes de proporem simplesmente a representação patente de códigos latentes, têm também por função impor modelos de comportamento".Mais adiante (p.235) os referidos estudiosos acrescentam algo mais: à esta moldagem de comportamentos:"forjar mentalidades".Veremos que Bayard retomará a função cognitiva aqui defendida (A literatura pensa). Ricoeur retomará a função pragmática (A literatura faz fazer). Por enquanto, vamos ver rapidamente mais uma contribuição do pólo do imaginário em nossa pesquisa, com Jean-Jacques Wunemberger.

Filósofo das imagens como indica o seu livro de 2001, professor Wunemburger abre um caminho que, ao lado daquele que abrirá Ricoeur guiará concretamente a nossa pesquisa..Em seu estudo mais recente intitulado "Création artistique et mythique"(2005:65-84), ele desenha um programa de trabalho simples e eficiente para a nossa abordagem das ficções de Luft, Sarraute e Ferron...

Primeiro passo: uma concepção do texto literário que compete com a de Pierre Bayard.: a obra é uma matriz produtora. A imaginação criadora é uma força que se expressa por ela.O mito está na fonte desta imaginação-força..Ser atento à esta energia latente para atualizá-la e , fazendo isto, participar do seu desdobramento sob as facetas diversificadas de uma obra, tal é o primeiro papel do leitor-pesquisado. Nos termos de Wunemburger (p.69,tradução nossa):

A imaginação criadora permite assistir a um tipo de gestação das obras cuja fonte é o mito. A compreensão do imaginário mítico pode nos ajudar a entender que no cerne de números atos de criação está uma matriz vital, um imenso magma de formas, um código genético de histórias que pré-informam a obra, a fazem crescer no artista, impulsionando nele uma força de exteriorização. O mito aparece assim como uma estrutura simbólica de imagens particularmente aptas a suscitar e orientar a ação criadora

Já podemos notar duas regras de método: é preciso acreditar na criatividade do escritor como algo ainda agindo; é preciso optar por uma leitura genética, sem esquecer que outras histórias estão por trás da história que está lendo. E sabemos que as ficções autobiográficas e os romances de formação estão repletos de livros de leitura do protagonista que tecem uma rede de significantes cuja significação acenam na direção do mito pessoal do sujeito narrador , seu ego ideal ou seu ideal de ego. (em termos freudianos).Vem logo após o texto citado (p.70) uma definição do mito: "*uma narrativa amiúde religiosa nas suas primeiras aparições orais, dotada de uma estrutura e de uma função, de uma substância simbólica e de um valor pragmático*".Esta definição que mais diz respeito ao mito de feição oral, será levemente modificada no caso do mito literário ou de forma escrita, sem porém esquecer na efervescência oral do mito a ampla circulação de inúmeras versões de um mesmo tema. Aliás, Gilbert Durand nos informa que se as histórias são quase infinitas, apenas 25 a 30 arquétipos os embasam, entre os quais uma porção daqueles elementos de que são feitas as narrativas versadas no destino literário da infância: mãe, casa, água, nascimento, o *puer aeternus*. Já estamos nos sentindo em casa com a abordagem mitocrítica..

Sob o título de "Metodologia do mito", Wunemburger desenvolve uma reflexão que diz respeito sucessivamente à distinção entre consciência mítica e consciência crítica, ao mito como criação contínua, à dialética criadora Extrairemos da sua exposição os elementos que serão operacionalizados nas nossas futuras análises.O autor começa por assegurar o estudioso da Literatura e da Arte quanto à legitimidade de uma abordagem mítica, ao citar uma afirmação de Max Bilen, autor de *Le sujet de l'écriture* (1988): "a arte de criar, a poética, pertence ao mesmo registro psíquico que a produção e recepção de mito.".Logo após segue o seu comentário:sobre a afirmação:

"As imagens míticas induzem no escritor e no artista plástico um clima criativo, uma dinâmica operativa, porque em si mesmos os mitos abrem um espaço de criação. A narrativa de impregnação mítica faz emergir um mundo- concretamente, uma série de acontecimentos, um encadeamento de fatos"

Parece-me ser, mais uma vez, claramente balizado o caminho do leitor. Ele deve se deixar contagiar pela pulsão de escrita desencadeada por qualquer elemento mítico; depôs, seguirá pacientemente a correnteza da rede isotópica (formal e semântica) desencadeada pelos arquétipos que acusam a presença textual deste elemento mítico, tornando-se assim,- segundo uma formulação de Wunemberger (p.71)- "contemporâneo de uma primeira criação" (na circunstância:: a do autor).

Tenho reparado em outros lugares, na obra de Durand (*L'imagination symbolique*. Paris,1964) e na do próprio Wunemberger (2001) certa afinidade hermenêutica com o Autor da Interpretação dos Sonhos. Essa convergência de método vem à tona na passagem seguinte (p.71):

A narrativa mítica está aparentada, de certa maneira, a um texto latente que somente pode reviver em mim se for transformado em texto manifesto, uma transformação. Na criação literária, pré-existe um texto originário ausente; ele se torna acessível a nossa capacidade de apreensão, através da representação de si, apenas se acionamos os processos de condensações e de deslocamentos semelhantes aos do sonho, o qual se alimenta de recalçamento de uma história original.

Mais uma vez, metodologicamente estamos em país conhecido, tendo sido a nossa primeira bolsa de pesquisa do CNPQ no começo dos anos 80 uma bolsa de pesquisa sobre a teoria psicanalítica. A visão bayardiana trará um corretivo a uso de Freud não a atitude de leitura de Wunemberger que absorve a psicanálise freudiana numa démarche onde prevalecem as histórias antigamente narradas como molde potencial prestes a agir no inconsciente coletivo, uma vez que encontra um autor artista e um leitor servindo de coadjuvante numa realização conjunta sempre a recomençar a cada escritura-leitura.

Vimos que tanto o leitor como o autor precisam ter uma consciência mítica para que possa funcionar a dupla operação de escritura e de leitura-criativa.

Mas essa consciência tem que ser projetada igualmente sobre a narrativa. Aqui é que Wunemberger vai cruzar os caminhos de Paul Ricoeur (cf. a seguir)..

"A narrativa mítica", diz o filósofo das imagens, "comporta uma sorte de generatividade intrínseca." Tudo que foi dito sobre o mito no começo deste estudo é novamente recolocado a da narrativa. Eis duas formulações que associam estreitamente mito e narrativa (p.72,73):

- *O mito é uma reserva de obras a serem ditas, escritas, feitas.*

- *O mito é uma totalidade narrativa que apela para ser desenvolvida, desvelada. Cabe aos destinatários (o autor, depois o leitor) levar a termo essa operação aqui e agora.*

A segunda citação contém uma diretriz para o leitor que se completa por uma informação sobre o duplo nível de organização do mito reverberado na narrativa: um plano invariante e um plano probabilista. Não se deve confundir invariante e unicidade. O mito e a narrativa podem ter fontes múltiplas. Para simplificar, é legítima considerar o mito apenas como “um tema indicador” suscetível de um fluxo múltiplo de significações. O tema indicador corresponde a uma certa ordem mas o fluxo corresponde a uma desordem tanto na diacronia como na sincronia. A tarefa do leitor é de organizar esse fluxo. Arquétipos (grandes unidades estáveis), Schèmes (esquemas dinâmicos subjacentes aos arquétipos), Símbolos (um degrau abaixo dos esquemas), Imagens (traduções mais concretas dos símbolos) subentendem os mitos. Estes elementos de análise pormenorizada são definidos em *A Imaginação simbólica* de Gilbert Durand (PUF:1964. Traduzida pela Cultrix).

B- PAUL RICOEUR

O conceito de identidade narrativa deste filósofo está no cerne de nosso trabalho de leitura. O estudo que Ricoeur lhe dedica se encontra na minha bibliografia em vários lugares. Para uma leitura rápida, recomendo o recorte apresentado pelos organizadores da Antologia ricoeuriana, Michel Foessel e Fabien Lamouche (2007:230-236). No momento, optamos para uma interessante apreciação do texto de Ricoeur por dois professores de Filosofia da Sorbonne já convocados acima, Eric Deschavanne e Pierre-Henri Tavoillot (2007:260-270).

Depois de pintar o quadro de uma sociedade contemporânea invadida pela questão da identidade em sua agenda individual e coletivo Deschavanne e Tavoillot (207:261-262) (os filósofos passam a mostrar a crise do sentimento de ser um si mesmo, e inflação semântica do termo identidade, a insegurança generalizada que tomou conta do mundo no momento mesmo que o indivíduo se tornou o valor supremo. Em seguida, eles demonstram a antinomia da identidade. Depois da morte de Deus e dos deuses, não há mais nada para garantir a identidade quer pessoal quer a social (pior ainda por esta). Mas na ótica de Deschavanne e Tavoillot, a identidade pessoal é um beco sem saída e a identidade coletiva já foi colocada dentro da identidade pessoal (Ricoeur defende também esta idéia).. Se jamais você a encontra, só pode ser sob a forma de uma má fé sartreana ou de uma pura etiqueta...

Quanto à opor identidade e alteridade, faz tempo que essa oposição não mais tem vez. Depois da proclamação da morte de Deus, a fórmula prevalente seria a de Nietzsche: “Cada qual é o mais estrangeiro a si mesmo”

Seria, portanto, a busca de identidade definitivamente desqualificada, perguntam Deschavanne e Tavoillot? (p.264). A sua resposta é que o Si mesmo tem ancoragem tão profunda em nós que, uma vez expulso pela porta, volta pela janela (p.264). Percebe-se aí uma espécie de “lógica circular” da antinomia “eu-outro”.

Aqui no palco dos dois filósofos, entra em cena Paul Ricoeur com o conceito de identidade narrativa.

A idéia de identidade narrativa (p.265-269) foi sugerida no século XVIII por John Locke no seu *Ensaio filosófico sobre o entendimento humano*, quando ele colocou o problema da identidade pessoal e da identidade coletiva. Mas a solução de Ricoeur, a qual tem proposta a expressão “identidade narrativa” se revela de uma “fecundidade

considerável” em sua notável simplicidade(Deschavanne e Tavoillot,p.265). Uma fórmula a resume: “Eu sou o que narro para mim”(idem).

Esse aporte, o primeiro de três, é muito grande. Com a identidade narrativa, nos descartamos o ranço de substancialismo cartesiano da identidade pessoal. Não existe mais um “Eu profundo. Não existe Ego que não seja em mudança permanente. Qual seria então o conceito de identidade proposto por Ricoeur? Na verdade são dois. Um que ele designa pelo termo latim **idem** (o fato de ser o mesmo).Um outro que ele designa pelo termo latim **ipse** (o Si mesmo). Deschavanne e Tavoillot(2007:266) ilustram isto pelo exemplo de dois gêmeos. Eles são a mesma entidade (são uma identidade idem como gêmeos), mas são, cada um, uma pessoa diferente (cada um é uma identidade ipse.Todo o contrário de uma mesmidade, o SI, é “ *uma mistura de determinação, de acaso, de escolha, de memória , de encontros e de projetos*”.Pelo fato que uma narrativa apresenta “essa capacidade de pôr tudo isto em ordem, em movimento e em relação, e de produzir com eles uma trama elaborada comportando um começo e um fim”, Ricoeur lhe atribui o predicado de “narrativa da identidade narrativa”. Com efeito,“*a narrativa da identidade narrativa é uma tentativa de elaboração – que pode ser renovada - dessa singularidade pessoal. A narrativa confere unidade às facetas da identidade*”.Tal é a primeira contribuição teórica da identidade narrativa de Ricoeur, na óptica de Deschavanne e Tavoillot.

O segundo aporte que os dois professores de filosofia destacam, é a dimensão performativa que põe em ação o conceito de identidade narrativa.(p.256-267). J-L. Austin ensinou a Ricoeur que Dizer é Fazer.(cf. *A metáfora viva*). Contar, narrar a vida de um individuo é lhe fazer existir, lhe conferir uma segunda existência..E a função cardeal das narrativas (auto)biográficas.“*É ao narrar-se que o sujeito se faz, porque, pela virtude da narrativa, as impressões memoriais subjetivas (traces mnésiques), em se juntando em uma trama, adquirem significação*” ..

“O terceiro interesse da narrativa para a identidade” reside na sua dimensão dialógica e intersubjetiva.(Deschavanne e Tavoillot, 2007:267). Costumam-se dizer que sem leitor, uma obra não existe.Uma narrativa é sempre uma narrativa feita para outrem. Contar é um ato, um gesto de troca. Publicar um conto é entregá-lo pelo menos à crítica. Esperamos um reconhecimento por aquilo que oferecemos.E quando aparecem “narrativas antagônicas” sobre o mesmo tema (por exemplo a Infância), pode haver confrontos e atribuição de valor. Narrar é entrar em diálogo com um publico potencial ou real. Está envolvida neste diálogo, uma impressão sobre a prestação, os seus méritos, a qualidade da performance alcançada pelo doador de narrativa..

Tudo isto nos concerne diretamente, já que trataremos justamente da identidade narrativa da infância escrita, - supostamente por ela mesma, efetivamente por seus biógrafos Lya Luft, Nathalie Sarraute, Jacques Ferron.

C- PIERRE BAYARD

Depois da Mitocrítica de J-J Wunemburger e da Identidade narrativa de Paul Ricoeur, não estamos tão disposto como antes a uma explanação técnica do sistema de leitura de Pierre Bayard., para não sair da coerência do aporte recebido dos três professores de filosofia (pois Wunemburger,Deschavanne,Pierre-Henri Tavoillot o são).Estamos plenamente satisfeito com a metodologia por eles sugerida.Para

tanto, limitaremos nossa apresentação de Bayard ao nosso entendimento pessoal daquilo que parece ser mais interessante, sem ser tão original, no sistema de pensamento deste crítico, e que oferece a vantagem de retomar à conta própria um pensamento comum aos nos dois estudiosos favoritos, Wunemburger e Ricoeur: uma alta concepção do artista e da criação literária, um papel também criador do leitor.

Lendo *A Literatura pode aplicar-se à Psicanálise? / La Littérature peut-elle s'appliquer à la Psychanalyse?* (2004) assim como os oito livros anteriores de Pierre Bayard, percebemos que este crítico está convencido do fato seguinte: todo artista, todo escritor de valor é dotado da capacidade de um pensamento virtual, sua obra contém teorias potenciais; cabe ao leitor competente articular e apresentar ao público este novo paradigma sobre tal ou tal objeto de existência filosófica, psicológica, social, ao público, depois de vasculhar e explorar o texto.

Cada escritor digno desse nome pode trazer uma pedra ao edifício do conhecimento. Se não, como compreender a existência do imaginário, como achar uma lógica no comportamento deste homem ou desta mulher que sacrifica milhares de horas de fadiga e de suor na elaboração de um sentido da vida, a fim de nos apresentar, por exemplo, um menino louco que mata a sua mãe dominadora (in *Le torrent* de Anne Hébert, canadense), o difícil crescimento e a difícil carreira de um menino pobre e discriminado (in *Native Son* de Richard Wright), a lenta agonia dum jovem num sanatório (in *A montanha mágica*, Thomas Mann), a quase impossível comunhão e interpenetração dos sexos mesmo entre pares jovens (in *Dom Casmuro*, de Machado., *A Busca do Tempo perdido*, de Proust ?). A resposta de Pierre Bayard é simples: escritores são pessoas que pensam profundo, que tem algo fora do comum a dizer sobre o mundo e sobre a vida. Essa alguma coisa, uma vez dita da forma que foi dita, é insubstituível no universo interno da obra. Bem feita. Se não fosse, o autor teria de escrever um outro livro.. E aquilo que as letras alinhadas em duzentas ou mil páginas querem sugerir ou propor, a intuição subjacente que justifica o empenho do artista das palavras ao longo de sua odisséia é algo que não poderia ser exprimida por um outro artista, - cada um tendo um talento não clonável. Portanto, pelo conteúdo e pela forma que lhe é indissolúvelmente associada, sob a batuta do imaginário, a produção de um bom escritor abre um paradigma implícito ou virtual em matéria de realidade pertencente à ordem do ser, do sentir, do pensar, do relacionar-se, de captação de objetos, do promoção ao visível do que é invisível.

Não pode ser diferente no que tange à categoria do ser-criança como objeto de estudo. Por conseguinte, é legítimo acreditar que, sem ter tido uma proposta clara e consciente sobre a infância, Lya Luft e os dois autores estrangeiros escolhidos como autores coadjuvantes, propuseram um modo novo de perceber a identidade-criança. E isso se perceberá tomando o narrador-personagem e aquilo que o circunda como foco de análise. Como imaginaram os Antigos Físicos da Grécia, há coisa por trás das coisas. Uma existência potencial desliza entre duas tomadas do olhar nossas. Cabe ao leitor se dispor a prestar ao encadeamento de letras, parágrafos, páginas, capítulos por onde atua o narrador-personagem criança, um corpo, uma alma, movimento, ações, paixões e pensamentos, fazendo assim tudo passar da virtualidade ao ato. Ele prestará atenção a flashes, piscares de signos contrabandeando não sabemos que mercadoria conceitual. Contudo, não devemos esquecer que somente capta tais fantasmas e fantasias uma assídua releitura, uma meditação sobre esboços de

relações, silêncios, vazios, excentricidades verbais, idiotices aparentes, faíscas desconcertantes.

Teorias já prontas não servem. Pelo contrário teorias já existentes, como as de Freud sobre a alma e as crianças, tem de ser des-teorizadas a partir da obra literária lida. Assim fala Pierre Bayard (2004). E, segundo o nível de talento ou a genialidade do autor ou do leitor, a teoria que é possível construir a partir da obra, pode ser avaliada através de um grade apreciação indicada por Pierre Bayard.. O pensamento (ou a teoria) que se tem conseguido pode ser apenas "um ajuste", por que fica na linha conceitualização daquilo que o antecedeu, como uma espécie de retomada dela. Pode ser uma "uma substituição" quando o resultado obtido deu a impressão de ser muito diferente, de natureza a competir com tal ou tal teoria antecedente sobre um assunto aparentado. Pode ser "uma invenção", por ser algo radicalmente diferente e sem parentesco com algo conhecido. Estamos no domínio do INÉDITO.. Contudo, nestes três casos, a operação de leitura é um prolongamento. Um leitor competente é aquele que, mediante uma dessas três operações, prolonga o texto lido., e não apenas o interpreta.(Bayard,2004:152-164..Bayard deu uma ilustração Ele confessa que, ao escrever a biografia *Il était deux fois Romain Gary*,(1990, a partir do romance autobiográfico *La promesse de l'aube*, sua performance não ultrapassou o valor de uma substituição,porque sua descoberta de um "romance parental", demonstra ser apenas um substituto possível do "romance familiar" inventado por Freud. Não alcançou a genialidade de invenção de Proust e de Maupassant. Proust realmente **inventou** uma outra subjetividade depois de Freud, Maupassant inventou uma teoria psicótica antes de Freud.. O que importa de ver afinal é que, a Literatura - autor e Leitor associados- inventa. Mas em graus diversos (Bayard,2004:120-163).Pretendemos descobrir em que grau Lya Luft inventa a infância, em relação a seus pares estrangeiros.

Operacionalizar a transmissão cultural e sua apropriação pela criança e pelo adolescente é um trabalho realmente interdisciplinar. Captar o como se consolida uma identidade pessoal e uma identidade social ou cultural mediante narrativas autobiográficas, praticando uma escuta sensível, flutuante e, no entanto ativa, à modo do psicanalista, nisto se resume nosso protocolo de trabalho. Intervir em demasia no processo é o defeito habitual de certos educadores que se querem plenamente engajados, quando não caem no defeito contrário de seguir ao pé da letra o conselho de largar totalmente o cavalo à frente segundo o velho Montaigne. Educar impõe uma auto-disciplina de ambas as partes dos sujeitos em trânsito que somos todos, Mestres-Parentes, Alunos-Filhos. O justo meio vai ser um alvo de observação constante.à maneira dos etnógrafos de terreno embora nosso campo de trabalho seja a reflexão sobre representações narrativas e seu dinamismo. Convém dizer que se escolhemos a narrativa autobiográfica como material de pesquisa é porque nos o julgamos mais apta a nos esclarecer sobre as nuances mais tênues do eu pessoal, mais capaz de proporcionar a captação das conversações interiores, do cinema interior, do diálogo interior do sujeito em busca de constituir-se e de aferir a sua identidade. Neste teatro dos Eu se efetua um diálogo talvez até mais rico do que o dialogo com os outros externos.

Convém admitir que, por interessante que seja a proposta de professor Bayard, uma vez subtraído o seu caráter sistematismo, ela não se afasta do espírito de qualquer boa crítica de invenção, que podemos ler em uma diversidade de línguas

e culturas. Cito como prova a da quebequense Lucie Bourassa que, no artigo "Entre dessaisie et ressaisie", publicado em *Études littéraires*, vol.30, N°30 (Automne 1997, 133-152), não apenas desconstrói a leitura do tempo e da subjetividade in abstracto de Heidegger e Emmanuel Lévinas, mas ampliou a idéia de identidade narrativa de Paul Ricoeur, pelo simples fato seguinte: um texto literário concreto é suscetível de dizer mais e outra coisa quando analisarmos não apenas a intriga como fez Ricoeur, ou a tese do sujeito e do tempo veiculada por Heidegger e Lévinas, mas também e sobretudo as estruturas narrativas, o dispositivo enunciativo e o ritmo.

CONCLUSÃO

Operacionalizar a transmissão cultural e sua apropriação pela criança e pelo adolescente é um trabalho realmente interdisciplinar. Captar o como se consolida uma identidade pessoal e uma identidade social ou cultural mediante narrativas autobiográficas, praticando uma escuta sensível, flutuante e, no entanto ativa, à modo do psicanalista, nisto se resume nosso protocolo de trabalho. Intervir em demasia no processo é o defeito habitual de certos educadores que se querem plenamente engajados, quando não caem no defeito contrário de seguir ao pé da letra o conselho de largar totalmente o cavalo à frente segundo o velho Montaigne. Educar impõe uma auto-disciplina de ambas as partes dos sujeitos em trânsito que somos todos, Mestres-Parentes, Alunos-Filhos. O justo meio vai ser um alvo de observação constante .à maneira dos etnógrafos de terreno embora nosso campo de trabalho seja a reflexão sobre representações narrativas e seu dinamismo. Convém dizer que se escolhermos a narrativa autobiográfica como material de pesquisa é porque nos o julgamos mais apta a nos esclarecer sobre as nuances mais tênues do eu pessoal, mais capaz de proporcionar a captação das conversações interiores, do cinema interior, do diálogo interior do sujeito em busca de constituir-se e de aferir a sua identidade. Neste teatro dos Eu se efetua um diálogo talvez até mais rico do que o diálogo com os outros externos.

BIBLIOGRAFIA

Ficções

FERRON, Jacques. *L'Amélanchier*. (récit québécois) Montréal: Typo, 1992 (1970)

980. SARRAUTE, Nathalie . *Enfance*.(récit) Paris: Gallimard, 1984.

LUFT, Lya. *O ponto cego*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1994{1999^a}, 5ª edição

LUFT, Lya. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro, 1984. 2 Adolescentes em busca de identidade)

LUFT, Lya. *Mar de dentro*. Rio/São Paulo: Record, 2004 (2002)

LUFT, Lya. *O rio do meio*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LUFT, Lya. *A Asa esquerda do anjo*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SARRAUTE, Nathalie. *Enfance*. Paris: Gallimard, 1984

Textos Teóricos

ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. *L'éducation interculturelle*. Paris: PUF, 2005 (2a Ed.)

ABDALLAH-PRETCEILLE, M, et Louis Porcher. *Éthique de la diversité et éducation*. Paris. PUF: 1998.

ABDALLAH-PRETCEILLE, M, et Louis Porcher *Éduquer et former en contexte hétérogène. Pour un humanisme du divers*. Paris: Anthropos, 2003.

ACTES du Colloque international à Cerisy La Salle sur Nathalie Sarraute. Besançon: Presses de L'Université de Besançon, 1989

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História*. Belo Horizonte: UFMG/ Humanitas, 2005.

ANGREMY, Annie., *Nathalie Sarraute.. Portrait d'un écrivain*. Paris: Gallimard, 1996

ARIÉS, Philippe. *A criança e a vida familiar no antigo regime*. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.

ARMEL, Alette. *Marguerite Duras et L'autobiographie*. Paris: Le Castor Astral, 1990.

BANCAUD-MAËNE, Florence. *Le roman de formation au XVIIIe siècle en Europe..* Paris: Nathan, 1998.

BAUMAN,, Zygmunt. *A sociedade individualizada..* Rio de Janeiro : Zahar, 2008.

BAYARD, Pierre. *Il était deux fois Romain Gary*. Paris: PUF, 1990

BAYARD, Pierre. Du roman parental au récit d'enfance. *Revue des Sc. H*, , 222, 1991-2, p.103-120

BAYARD, Pierre. *La Littérature peut-elle s'appliquer à la Psychanalyse ?* Paris: Minuit, 2004.

BÉLANGER, Alain, Núbia Hanciau, Sylvie Dion (orgd). *L'Amérique française: Introduction. à la cultur Québécoise*, Rio Grande: Furg, 1998.

BERHERI, Afifa (ORG). *L'Autobiographie en situation d'interculturalité..* Blida (Algérie): Editions du Tell, 2004

BONOLI, Lorenzo. *Lire les cultures: la connaissance de l'altérité culturelle à travers les textes*. Paris: Kimé,. 2008

BOUCHER< Monique. *L'enfance et l'errance, pour un appel à l'autre*. Lecture mythanalytique du roman québécois contemporain (1960-1990). Québec: Nota Bene, 2005

BOUÉ, Rachel. *Nathalie Sarraute. La sensation en quête de la parole*. Paris: L Harmattan, 1997

.Paris: Imago, 2005.

CHIANTARETTO, Jean-François (org.). *Écriture de soi et trauma*. Paris: Anthropos, 1998.

CITÉS, N°33, Ano 2008: *Paul Ricoeur, interprétation et reconnaissance*. Paris: PUF, com um texto

inédito de Ricoeur, « L'interprétation de soi »..

COE, R.N. *When the grass was taller. Autobiography and the Experience of Childhood*. New Haven and London: Yale University Press, 1984

CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. *Um Outro mundo: a infância*. Trad. Noemi Kon São Paulo: Perspectiva, 1986

COHN, Clarice, *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COLLART, Pierre et Jeanne Sosson (dir.) *La place de la parole de l'enfant*. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2007.

COLLECTIF. *L'Autobiographie. VI Rencontres Psychanalytiques d'Aix-en-Provence*. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

COLLECTIF. *Autobiography in French Literature*. The University of South Carolina: French Literature Series, vol. 12, 1985. (especialmente Gretchen R. Besser, *Enfance de Nathalie Sarraute*)

COLLECTIF. *Récits d'enfance*. Revue des Sciences Humaines, 1991-2, 222, .. Em particular, Monique Gosselin, *Enfance de Nathalie Sarraute*, p. 121-142.

DEMORGON, Jacques. *Complexité des cultures et de l'interculturel*. Paris: Anthropos, 1996.

DENÉS, Dominique. *L'amant. Marguerite Duras*. Paris: Ellipses, 2006.

DESCHAVANNE, Éric et Tavoillot P-H. *Philosophie des âges de la vie*. Paris: Grasset, 2004. .Sobretudo: Les nouveaux âges de la vie, 235-387 incluindo Identité personnelle et Identité narrative, Qu'est-ce qu'un adulte, Qu'est-ce qu'un enfant, Pourquoi grandir ?

DODSON, Fitzhugh. *Tout se passe avant six ans*. Paris: Robert Laffont, 1972.

DOLTO, Françoise. *Enfances*. Paris: Seuil, 1986

DUBAR, Claude. *A socialização*. São Paulo Martins Fontes, 2003/2000

DURAND, Gilbert. *Champs de l'imaginaire*. Grenoble: Ellug, 1996.

DURAND, Gilbert. *Les Structures anthropologiques de l'Imaginaire*. Paris: Bordas, 1984

DURAND, Gilbert. *Introduction à la Mythologie.:mythes et société.*. Paris: Albin Michel,1996.

ERIKSON, Erik *Adolescence et crise.La quête de l'identité.* Paris: Flammarion,1972

FILIAS,Vassilis e Anastasia-Valentine Rigas. La construction de la méthode qualitative en Sciences Sociales par l'approche biographique. In Madiot Béatrice, Lage Elisabeth et Arruda Ângela (orgs), *Une approche engagée en Psychologie sociale: l'oeuvre de Denise Jodelet.* Paris: Érès,2008,p.121-132.

FIASSE, Gaëlle. *Paul Ricoeur, de l'homme faillible à l'homme capable.* Paris: PUF, 2008

FINKIELKRAUT, Alain. *Ce que peut la littérature.*Paris: Gallimard,2006.

FOESSEL,M e Fabien Lamouche (org). *Paul Ricoeur. Anthologie.*Paris: Seuil,2007.

FREUD, Sigmund.. *Obras Completas.* Rio de Janeiro.Imago,1969. Volumes IV e V: A interpretação dos Sonhos; Volume IX:Delírios e Sonhos na *Gradiva* de Jensen p. 17-97. Escritores criativos e devaneios p. 49-161;Romances familiares, p.243-248;.Volume X: O Pequeno Hans e O Homem dos ratos.(Notas sobre um caso de neurose obsessiva);Volume XI: Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância.p.59-125.

GASPARINI, Philippe. *Est-il Je ? Roman autobiographique et Autofiction.*Paris: Seui.,2005

GOSELIN, Monique. *Enfance* de Nathalie Sarraute, *RSH*,222,1991-2, p.121-142

.GRAÑA,Roberto B. e Ângela B. S. Piva (org.).*Atualidade da Psicanálise de adolescentes.*São Paulo:Casa do Psicólogo,2004.

HIMY-PIÉRI, Laure.*Enfance.* Nathalie Sarraute. Paris:Hatier,2001

KEARNEY, Richard.Vers une herméneutique de la traduction. In FIASSE, Gaëlle, *Paul Ricoeur* PUF 2008:157-178

KINCHELOE, Joë L. *Esqueceram de mim e Bad to the bone: o advento da infância pós-moderna,* In STEINBERG, Shirley R. e Joe L. Kincheloe (orgs), *Cultura infantil. A construção corporativa da infância.* Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2001, p. 53-86(Trad. Georges,E.J.Brício).

KONICHECKIS, Alberto. *De génération en génération> la subjectivation des liens precoces.* Paris: PUF,2008 .

KOWAN, Walter O. *Infância: entre Educação e Filosofia.* Belo Horizonte: Authêntica,2003.

L'ÉCUYER, R. *Le développement du concept de soi de l'enfance à la vieillesse.*Montréal:Presses de l'Université de Montréal, 1994

L'HÉRAULT, Pierre. *Jacques Ferron: cartographe de l'imaginaire*. Montréal: Presses de L'Université de Montréal, 1980.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do imaginário*. Porto

Alegre: Sulina, 2007/2006.

LAHOUATI, Gérard. « L'invention de l'enfance: le statut du souvenir d'enfance dans quelques autobiographies du XVIII^e siècle." In: BERRIOT-SALVADORE, Evelyne et PÉBAY-CLOTTE, Isabelle. *Autour de l'enfance*. Biarritz, Atlantica, 1999.

LAING, Ronald. *Soi et les autres*. Paris: Gallimard, 1971(1961).

LA LICORNE, *Le travail du biographique*. Publications de L'UFR de Langues et Littératures de L'Université de Poitiers, No 14, Année 1988

LAHIRE, Bernard. *A Cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LA MONTAGNE, André. Relire l'enfance: le fantasme intertextuel dans *L'Amélanchier*, In: *Voix et Images*, No 73, 1999, p.126-143 (base théorique sur la formation de l'objet, sur la réalité, sur la relation enfant-adulte

LECARME, J., VERCIER, B. Premières personnes. *Le Débat* No 54, mars-avril 1989. Paris: Gallimard, p. 54-67.

LECLERC-OLIVE, Michèle. Les Figures du temps biographique. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Vol. CIV, *Figures de la Connaissance*. Paris: PUF, 1998, p.97-120

LECOMTE, Jacques. Le soi, de l'enfance à l'âge adulte. In Ruano-Borbalan, Jean-Claude. *L'Identité*. Paris: Sociales, 1998. p.31-34.

LEGAULT, Gisèle. (org). *L'intervention interculturelle*. Montréal: Gaétan Morin, 2000.

LEJEUNE, Phillipe, *Le pacte autobiographique*. I-Paris.: Seuil. Nouvelle édition augmentée. 1996.

LEJEUNE, Phillipe. *Signes de vie. Le pacte autobiographique II-*. Paris: Seuil 2005

LEJEUNE, Phillipe, *L'autobiographie en France*, Paris: A. Colin, 1998.

LYOTARD, J.-F. *Lectures d'enfances*. Paris: Galilée, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes. 2001/1993.

MARCOU, Loïc. *L'autobiographie. Anthologie*. Paris: GF Flammarion, 2001.

MARCHAL, Hervé. *L'identité en question*. Paris: Ellipses, 2008.

MEAD, G. *L'esprit, le soi, la société*. Paris: PUF, 1963(1933).

- MONTALBETTI, Christine, *Le voyage, le monde, la bibliothèque*. Paris: PUF, 1997.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem incompleta: a experiência brasileira*. São Paulo: SESC, 2000.
- ., p.7-21.
- PENEFF, Jean. *La méthode biographique*. Paris: Armand Colin, 1990.
- PETRI, Renata. *Psicanálise e criança*. São Paulo: Companhia de Freud, 2008.
- POIRIER, Patrick (dir.), *Jacques Ferron: autour des commencements*. Montréal: Lanctôt, 2000
- PRIORE, Mary del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- RENAUI, Alain. *La Libération des enfants*, Contribution philosophique à une Histoire de la subjectivité. Paris ? Hachette, 2003 (Calmann-Lévy: 2002).
- RENAUT, Alain. *La fin de l'autorité*. Paris: Flammarion, 2004.
- Revista ANTHROPOLOGIVAS, Ano 9, Vol.16 (1), 2005, UFPE: *Família a, Teoria Social Identidade brasileira*. Direção de Parry Scott, Márcia Thereza Couto.
- RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- RICOEUR, Paul. *Temps et Récit*. Paris: Seuil. Tomes I, II, III; 1983/1984/1985.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000 (1975).
- RICOEUR, Paul. L'identité narrative. *RSH*, tome LXXXV, No 221, Janv-mars 1995, p.35-47.
- RICOEUR, Paul *Sur la Traduction*, Paris: Bayard, 2002
- RICOEUR, Paul. *Anthologie*. Paris: Points-Essais, 2007. Escolha de textos e Apresentação de Michel Foessel e Fabien Lamouche.
- ROY, Alain. Le pari de la littérature. *Critique*, Octobre 1995, Tome LI, No 581, p.767-790 (sur l'oeuvre de Pierre Bayard)
- RUDELIC-FERNANDEZ, Dana. Pour une étude transmodale du récit. In Gérard Lavergne et Jean-Louis Brau (dir.) *Actes du Colloque International sur la Focalisation Narrative*. Université de Nice: Cahiers de Narratologie, No 5, 1991, p.267-276.
- SINGLY, J.-F. Individualiste et relationnelle. In Lilhua Zheng et Dominique Desjeux (org.) *Chine-France: Approches interculturelles*. Paris. L'Harmattan, 2000, p.33-41.
- SINGLY, J.-F. La fabrique familiale de soi. In Ruano-Borbalan, Jean-Claude., *L'Identité*. Paris: Sociales, 1998 ,p.169-178
- SINGLY, François de. *Uns com os outros*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

SISHE, HU. Le phénomène biculturel chez Marguerite Duras. In Lilhua Zheng et Dominique Desjeux (org.). *Approches interculturelles*. Paris. L'Harmattan, 2000, p.42-59

TADIÉ, Jean-Yves. *Le roman au XXe siècle*. Paris: Belfond, 1990 (Structures, Enfance, Espace, Temps et Narrateur enfant, p. 7-90)

THOMASSET, Alain. Au coeur de la tension éthique: narrativité, téléologie e teonomie, In FIASSE, Gaëlle, *Paul Ricoeur*, PUF 2008: 93-118

TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2007

VERCIER, B. & J. Lecarme. *La Littérature en France depuis 1968*. Paris: Bordas, 1982

VIEIRA, Nelson H. Le « moi qui voit »: l'auto-interprétation et la connaissance narrative dans le roman brésilien. In François LAPLANTINE et al. *Récit et Connaissance*. Lyon: PUL 1978, p.147-161.

VILLENEUVE, Johanne. L'utopie, l'enfance et la métaphore politique du réveil. In *Tangence*, No 63, juin 2000, Ste Foy: Presses de l'Université du Québec, p.73-84.

VOIX ET IMAGES, Littérature québécoise, Automne 1999, No73: *Rêver l'enfance: Littérature et Psychanalyse*. Université du Québec à Montréal

WUNENBURGER, J-J Création artistique et mythique. In Danièle Chauvin, et al. *Questions de MYTHOCTITIQUE*. Paris: Imago, 2005, p. 69-84

WUNENBURGER, J-J. *La vie des images*. Presses Universitaires de Grenoble. 2002.

WUNENBURGER, J.-J. *Philosophie des images*. Paris: PUF, 2001.

WUNENBURGER, J-J. *L'imagination*. Paris PUF, 1995.